



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2703 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 02 - História da Educação

## A ATUAÇÃO DOCENTE ENQUANTO PRÁTICA INTELLECTUAL: THOMAZ DO BOMFIM ESPINDOLA NO CENÁRIO ESCOLAR DA PROVÍNCIA DE ALAGOAS

Edgleide de Oliveira Clemente da Silva - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ

## A ATUAÇÃO DOCENTE ENQUANTO PRÁTICA INTELLECTUAL: THOMAZ DO BOMFIM ESPINDOLA NO CENÁRIO ESCOLAR DA PROVÍNCIA DE ALAGOAS

O presente trabalho apresenta um estudo sobre a atuação docente do médico Thomaz do Bomfim Espindola (1832-1889) na província de Alagoas através da sua prática intelectual desenvolvida ao longo de sua trajetória docente no Império brasileiro. Esse alagoano atuou intensamente na institucionalização da escola particular e pública de Alagoas em articulação com as práticas políticas do Partido Liberal de Alagoas onde assumiu os cargos de deputado provincial e geral e de presidente interino da província. Além de ter exercido a função de professor no liceu alagoano e no liceu de artes e ofícios nas disciplinas de Geografia, Cronologia, História e Higiene. Para o desenvolvimento da escrita privilegiei as obras didáticas de Geografia (1871; 1885) elaboradas por Espindola e analisadas a partir dos conceitos de *estratégias* desenvolvido por Certeau (2008) e de *práticas* segundo Chartier (2002). No intuito de auxiliar na discussão sobre a atuação docente de Thomaz Espindola enquanto intelectual no Brasil Império utilizei as abordagens das autoras Boto (2006) e Schueler (2013).

**Palavras-chave:** Atuação docente; Prática intelectual; Thomaz do Bomfim Espindola; Província de Alagoas.

## A ATUAÇÃO DOCENTE ENQUANTO PRÁTICA INTELLECTUAL: THOMAZ DO BOMFIM ESPINDOLA NO CENÁRIO ESCOLAR DA PROVÍNCIA DE ALAGOAS

### Resumo

O presente trabalho apresenta um estudo sobre a atuação docente do médico Thomaz do Bomfim Espindola (1832-1889) na província de Alagoas através da sua prática intelectual desenvolvida ao longo de sua trajetória docente no Império brasileiro. Esse alagoano atuou intensamente na institucionalização da escola particular e pública de Alagoas em articulação com as práticas políticas do Partido Liberal de Alagoas onde assumiu os cargos de deputado provincial e geral e de presidente interino da província. Além de ter exercido a função de professor no liceu alagoano e no liceu de artes e ofícios nas disciplinas de Geografia, Cronologia, História e Higiene. Para o desenvolvimento da escrita privilegiei as obras didáticas de Geografia (1871; 1885) elaboradas por Espindola e analisadas a partir dos conceitos de *estratégias* desenvolvido por Certeau (2008) e de *práticas* segundo Chartier (2002). No intuito de auxiliar na discussão sobre a atuação docente de Thomaz Espindola enquanto intelectual no Brasil Império utilizei as abordagens das autoras Boto (2006) e Schueler (2013).

**Palavras-chave:** Atuação docente; Prática intelectual; Thomaz do Bomfim Espindola; Província de Alagoas.

### INTRODUÇÃO

A História, é a ciência “dos homens, no tempo”, e é por essa ótica que esses sujeitos sociais precisam ser interpretados, interpelados. (BLOCH, 2001, p. 55). Para tanto, o desafio consiste em analisar as atuações de Thomaz do Bomfim Espindola (1832-1889) no cenário educacional, pelas lentes da História brasileira Imperial. Antes de compreendermos suas atuações nessa área, é necessário tecermos os caminhos percorridos que o levaram a ser reconhecido como o “pai da história e da geografia alagoanas”. (LIMA JÚNIOR, 1972, p. 68). Para isso, consideramos pertinente associar a sua trajetória, à estrutura de redes e as relações objetivas, a que pertencia e, não enquanto acontecimentos sucessivos e desvinculados do seu tempo. Essa postura permite compreender às nuances que fazem parte da trajetória de um sujeito, visto ser irreal, ou no mínimo, insuficiente abarcarmos “uma vida como uma série única”. (BOURDIEU, 2006, p. 189).

Do mesmo modo, Chartier (2002, p. 25) ressalta que “pensar assim a individualidade nas suas variações históricas equivale não só a romper com o conceito de sujeito universal, mas também a inscrever num processo a longo prazo – caracterizado pela transformação do Estado e das relações entre os homens – as mutações das estruturas da personalidade”, ou seja, negando assim qualquer pretensão de acreditar que uma vida possa ser uma “sequência de acontecimentos”, sem intervenções, nuances ou contrassensos.

Nesse sentido, uma das primeiras características a ser considerada na trajetória de Espindola, é pensar sua inserção nos diferentes grupos de elite médica[i], docente e política[iii] juntamente com os demais sujeitos que compartilhavam desses mesmos espaços. Mas, apesar desses grupos serem considerados “grupos de amigos”, pelo fato de socializarem “preferências políticas, intelectuais e estéticas semelhantes”, é importante ressaltar que os seus membros, em especial os da geração de 1870, não tinham um “perfil homogêneo” e, por isso, “não se prestam à operação de reduzi-los a uma única posição social.” (ALONSO, 2002, p. 102; 99).

Esses grupos pertencentes a elite brasileira construiu uma teia de relações pessoais, a partir do convívio na mesma faculdade ou colégio, e em alguns casos da partilha de posições sociais ou políticas, a exemplo da relação de Thomaz Espindola com Rui Barbosa (liberal e deputado geral da Bahia) e Ulysses Viana (liberal e deputado geral de Pernambuco), que na produção dos pareceres da “Reforma do Ensino Secundário e Superior” (1882) e da “Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública” (1883).

Assim, a partir da compreensão do conceito de *estratégias* de Certeau (2008), podemos articular a produção intelectual do autor com o lugar social que ocupava, pois “é em função deste lugar que se instalam os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam” (CERTEAU, 2008, p. 67). Ao utilizar a noção de *práticas*, que apesar de “complexas, múltiplas, diferenciadas”, buscou-se entender “as especificidades do espaço próprio das práticas culturais, que não é de forma nenhuma passível de ser sobreposto ao espaço das hierarquias e divisões sociais.” (CHARTIER, 2002, p. 28).

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho consiste em compreender a atuação docente de Thomaz Espindola a partir de suas redes de sociabilidades, construídas ao longo de sua trajetória. Desse modo, sua simultânea atuação nos diferentes cenários da sociedade nos leva a entender que a escola por meio de uma determinada noção de “civilização” e através dos intensos investimentos na formação docente, em geral, na aprendizagem de novos métodos de ensino, na estruturação do currículo escolar, na apropriação dos conteúdos dos manuais didáticos e nas críticas tecidas em torno do ensino de tradição jesuítica, tornou-se fundamental para a constituição da nação brasileira.

## A ATUAÇÃO DOCENTE ENQUANTO PRÁTICA INTELLECTUAL

As redes de sociabilidades, as quais Espindola fazia parte, é compreendida como uma prática de produção e disputa por controle intelectual de produção, como recurso de exposição de ideias, conhecimento e aquisição de prestígio. (BOURDIEU, 2006). Para tanto, é necessário produzir uma miríade de relações, com indivíduos que compartilhem dos mesmos interesses. Portanto, são as articulações com os diferentes grupos de elites e centros dominantes de um determinado tempo e espaço que contribui para a consolidação de reconhecimento e poder.

Dessa forma, a formação intelectual de Thomaz Espindola, atingida no convívio escolar e/ ou universitário relacionada com o aspecto econômico, social, cultural de sua trajetória de vida, capacidades consideradas superiores à época, o constituiu como “protagonista político privilegiado”, “guia do povo” e “portador da consciência nacional”. (VIEIRA, 2008, p. 69). Tais características parecem compor o perfil de um *intelectual* do século XIX. O referido termo auxilia a compreender os modos de agir de um sujeito, seja Espindola ou qualquer outro, que se considera capaz ou provedor da capacidade de “intervir no debate público e defender valores universais (justiça e verdade, em particular)” e de transformar “uma autoridade intelectual em autoridade política em nome de uma autoridade moral”. (WOLF, 2006, p. 47).

Nesse sentido, os intelectuais, “são identificados por um reconhecimento público de mérito, que lhes concede um lugar relativamente privilegiado no tabuleiro social. Certamente, trata-se de uma voz privilegiada.” (BOTO, 2004, p. 3). Uma voz que ecoa nos discursos, nas práticas e nas relações:

Homem austero, culto, brilhante, de aprimorada educação, exemplar chefe de família, convivendo com os mais destacados elementos da sociedade alagoana, que o estimavam e espreitavam (sendo, pois, bem recebido em todos os círculos sociais, políticos e culturais), fidalgo, de fino prato, estudioso de tudo quanto se referia e interessava a nossa terra. [...] Viveu cercado pela estima e alta consideração dos alagoanos. Morreu serenamente, com a consciência tranquila, pois cumprira sua missão na Terra e, dedicado, servira a sua pequenina província. (LIMA JUNIOR, 1972, p.

A imagem do sujeito “bem-educado”, “fidalgo, de fino prato”, não somente o coloca na posição de interlocutor do desenvolvimento, do progresso da sociedade alagoana, como o articula aos “círculos sociais, políticos e culturais” as quais pertencia. É uma descrição que opera na esfera social e que perpassa pelas suas atuações nos diferentes cenários públicos e particulares. Como destaca Wolf (2006, p. 54) o intelectual é sustentado por seus pares, ele se torna possível por um movimento de ideias e, de maneira mais geral, por condições sociais e históricas, nem que seja apenas uma certa abertura do espaço público.

Além do caráter político, social e econômico que legitimam os intelectuais a atuarem como (re)organizadores da sociedade, há segundo Boto (2006) Schueler (2013), a atuação do professorado, sejam eles políticos ou não. No caso da província de Alagoas, grande parte dos professores liceístas, tinham o privilégio de publicar seus compêndios, geralmente elaborados sobre a disciplina que ministravam, a exemplo de Espindola que publicou duas obras de Geografia enquanto atuava como professor de Cronologia, Geografia e História no Liceu de Alagoas, como poderá ser visto mais adiante.

Schueler (2013) destaca que vem crescendo o número de estudos que estão se debruçando a investigar a atuação intelectual dos professores e professoras primários do Império. Nessa perspectiva a atuação intelectual do corpo docente do século XIX se consolida à medida que os enxergamos como sujeitos participativos do seu contexto sociopolítico e difusores de conhecimento, sejam na elaboração de artigos, matérias jornalísticas, relatórios ou livros didáticos, como veremos a seguir a partir da atuação de Thomaz Espindola no cenário escolar da província alagoana.

### **THOMAZ ESPINDOLA NO CENÁRIO ESCOLAR DA PROVÍNCIA DE ALAGOAS**

Os intelectuais legitimados a escolarizar a sociedade, tinham a preocupação de desenvolver na criança um espírito ativo e modelado aos bons costumes, sendo a escola um dos principais espaços a promover esse tipo de aculturação. O olhar de Thomaz Espindola seja na condição de médico, político ou professor, voltava-se para uma “vasta massa a ser plasmada à luz dos que percebiam o mundo tido como polido, culto e civilizado” (GONDRA; SCHUELER, 2008, p.270).

Foi professor de Higiene, no Liceu de Artes e Ofícios e de Filosofia no colégio S. Bernardo. Quando ocupa os cargos de inspetor geral da instrução pública torna-se responsável por coletar e sistematizar os dados qualitativos e quantitativos das diversas escolas alagoanas e encaminhá-las ao presidente da província. Seja na figura de docente ou de ordenador da escola, Espindola levantou críticas ao modo de proceder à aprendizagem das letras, para a qual lamentava o caráter ainda disciplinar dos professores das aulas primárias, sem que o gosto pelo desenvolvimento intelectual fosse o elemento mais importante da escola. Sugere também o cumprimento da legislação que determina concurso para as cadeiras do liceu, organização e regulamentação das escolas primária e secundária.

Como professor de Geografia, elaborou duas obras geográficas que, segundo ele, precisavam circular na forma de saber didático nas escolas provinciais brasileiras e em todos os espaços educativos, pois eram os aspectos geográficos do lugar que definiam o caráter humano, o poder político, econômico e social da nação. Nesse sentido, cabia o saber geográfico cumprir uma dupla função: 1. Preparar os sujeitos para zelarem a integridade geográfica do país, estabelecendo assim uma íntima relação com o poder político. 2. Colocar a ciência geográfica como modeladora das demais ciências que despontavam à época, fossem elas humanas, exatas e/ou naturais.

Ele foi um dos demais sujeitos que constituiu a história da Geografia de Alagoas no século XIX a base de um conhecimento civilizatório, nacional e moralista. Uma juventude fundamentada no conhecimento de sua terra se torna importante aliada na perpetuação, disseminação e reprodução de uma dada forma escolar. Era “uma necessidade reconhecida por todas as nações que podem ser indigitadas como modelos à imitação – a Inglaterra, a França, a Alemanha e os Estados Unidos do Norte”, pois auxiliava na conquista de poderes políticos, na expansão de territórios e no desenvolvimento intelectual. (ESPINDOLA, 1871, p. 3).

Nesse período, Espindola também atuava como político, o que talvez explicasse sua motivação em instruir os jovens a participarem do cenário sociopolítico de sua província. Conforme descrito por ele: “Nada por sem dúvida é mais censurável do que não conhecer o homem a sociedade em que vive, a terra em que pisa, ou em que viu a primeira luz do mundo, a história dessa sociedade e dessa terra.” (ESPINDOLA, 1871, p. 5). No entanto, recebe críticas quanto ao seu ensino parcial: “o primeiro defeito do Espindola está na parcialidade; ele é muito apaixonado nas suas descrições, o que é um grande defeito n’um historiador. O historiador deve ser um juiz, e, como um juiz, deve ser imparcial.” (O ORBE, 1882, p. 3).

Apesar do referido julgamento, sua obra *Geografia alagoana* (1871) foi bastante elogiada por estudiosos como Duarte (1947, p. 51) que a descreve como a “obra geográfica de maior vulto, aquela que, de fato, representa um estudo mais amplo e sério das Alagoas” a partir de um “trabalho honesto, metucioso de grande tomo para época” que serve como modelo de produção bibliográfica sobre a descrição da Geografia alagoana.

O saber geográfico de Thomaz Espindola, sobre os aspectos físicos e econômicos da província de Alagoas também chamaram a atenção de Lindoso (2005, p. 50) que afirma ser a segunda edição dessa obra “base para a comprovação da amplitude e fixação das formas urbanas no espaço alagoano”, visto que o autor revela “o espaço alagoano como uma

realidade social, política e econômica concentrada em torno do pólo urbano de Maceió, e onde dominam, ao lado das tradicionais práticas sociais rurais, as novas práticas sociais urbanas e as novas práticas sociais mercantis.” (Idem, p. 52).

O objetivo de ampliar o pensamento de *amor à pátria*, o qual não fora alcançado no processo de Independência brasileira, prosseguia em lenta modelação nas escolas. Sendo assim, apresenta uma preocupação com esse conhecimento e com a formação da juventude, articulando o grau de *civilização* dos povos ao seu desenvolvimento:

M – Como se classificam os povos segundo o seu progresso material, intelectual e aperfeiçoamento moral?

D – Em selvagens, bárbaros e civilizados.

[...]

M – E civilizados?

D – São os que teem lingua polida, legislação bem conhecida, governo activo e previdente; teem em grande estima as sciencias e artes, marchando o seu progresso material e intelectual, mais ou menos, a par do aperfeiçoamento moral. (ESPINDOLA, 1885, p. 39).

Essa concepção foi projetada pela visão que a sociedade civilizada tinha de si própria, “de sua autoimagem de superioridade diante de um mundo que domina e que a faz sentir-se superior” devido ao seu “progresso material, intelectual” e “aperfeiçoamento moral”. (AZEVEDO, 2003, p. 32). Assim, a civilização é entendida como um processo, um estado, pois a classificação dos povos em selvagens, bárbaros e civilizados indica um estágio de evolução. Nesse caso, “em comparação com a perfeição do polido [civilizado], o bárbaro é uma espécie de criança, a criança é uma espécie de bárbaro” (STAROBINSKI, 2001, p. 28).

Sendo assim, a partir da análise dessas obras se percebe o quanto os jovens deveriam ser moldados, disciplinados e retirados do estado de barbárie em que se encontravam através de um saber “útil”, escolhido com o ideal de civilizar. Na Geografia, tal ideal se vislumbrava nas marcas estéticas (cor, estatura, espessura e cor de cabelo), políticas (civilização, religião) e econômicas (comercio e indústrias) apropriada de uma imagem desfocada de fora, que rejeitava o real retrato de dentro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Havia critérios para caracterizar-se como intelectual, e um deles eram as redes de sociabilidades. Nessa categoria, os sujeitos precisavam manter-se aliados, o que ocorreu com Espindola conforme seguia a sua trilha no curso de medicina, nas escolas, no partido Liberal. Se ser intelectual era conviver nos ambientes de prestígios, estar cercados de relações que o favorecessem e eleger a instrução como uma bússola que guiaria o indivíduo para o progresso, Espindola era um intelectual. Ainda mais, quando ser intelectual envolve sua atuação docente, sua visão de “progresso material, intelectual e aperfeiçoamento moral”. (ESPINDOLA, 1885, p. 39).

Nesse sentido, a formação escolar, principalmente no saber geográfico, aparece como uma forma eficaz de mobilizar a sociedade para um determinado fim: a civilização. Para tanto, pode-se dizer que suas obras geográficas deixaram marcas significativas na formação escolar alagoana, com sua dupla função de estabelecer o poder político alinhado as noções de civilidade e de absolutizar esse conhecimento perante as demais áreas de saber. Além de percebermos que o uso delas é rico em interesses e valores, o que nos permite firmar que a atuação docente é intelectual, ela produz e desfaz. Portanto, como fonte de pesquisa para a História da Educação, esse tema nos permite construir e desconstruir conceitos acerca do papel do professor na escola do século XIX.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, A. (2002). *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra.

AZEVEDO, A. N. (2003). *Da Monarquia à República: Um Estudo dos Conceitos de Civilização Progresso na Cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906* (Tese de Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BLOCH, M. (2001). *Apologia da história - ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BOURDIEU, P. (2006). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV.

BOTO, C. (2006). O professor primário português como intelectual: 'eu ensino, logo existo'. *Revista Linhas*, Florianópolis-SC, v. 6, n. 1, p. 1-45.

CERTEAU, M. (2008). A operação historiográfica. In: \_\_\_\_\_. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

CHARTIER, R. (2002). *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2 ed. São Paulo: Memória e Sociedade.

DUARTE, A. (1947). A primeira Geografia alagoana: em torno do centenário da sua publicação. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, Maceió: Imprensa Oficial, vol. 24, p. 47-65.

ESPINDOLA, T. B. (1871). *Geografia Alagoana ou Descrição Física, Política, Historica da Provincia das Alagoas* 2 ed. Maceió: O Liberal.

\_\_\_\_\_. (1885). *Elementos de Geografia e Cosmografia oferecidas à mocidade alagoana* 3. ed. Maceió: Typ. da Gazeta de Notícias.

GONDRA, J. G.; SCHUELER, A. (2008). *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*. São Paulo: Cortez.

LIMA JÚNIOR, F. (1972). Discurso pronunciado na Catedral de Maceió, em 2 de dezembro de 1969. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Maceió, AL, v. 29. p. 67-68.

LINDOSO, D. (2005). *Interpretação da Província: Estudo da Cultura Alagoana*. Maceió: EDUFAL.

O ORBE. Maceió, ano 4, n. 83, p. 3, 30 jul. 1882.

SCHUELER, A. F. M. (2013). Práticas de escrita e sociabilidades Intelectuais: professores-autores na corte imperial (1860-1890). In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 5., 2008, Aracajú. *Anais eletrônicos...* Aracajú: UFS/UNIT, 2008. Acessado em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/>.

STAROBINSKI, J. (2001). *As máscaras da civilização*. (Ensaio). São Paulo: Companhia das Letras.

VIEIRA, C. E. (2008). *Intelligentsia* e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, SP, vol. 8, n. 16, p. 63-85.

WOLF, F. (2006). Dilema dos intelectuais. In: NOVAIS, A. (Org.). *O Silêncio dos Intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras.

[1] Thomaz Espindola se formou no curso de Medicina e Cirurgia da Faculdade de Medicina da Bahia, no dia 13 de dezembro de 1853, com a tese: *Dissertação inaugural acerca da influência progressiva da civilização sobre o homem* Posteriormente escreveu a obra *Profilaxia do cólera morbus epidêmico, sintomas, tratamento curativo desta moléstia, dieta, convalescença, considerações gerais e clínica* de 1862.

[\[ii\]](#) Espindola foi deputado provincial nas legislaturas de 1860-1861, 1864-1865 e 1866-1867 e deputado geral nos anos de 1878-1881 e 1881-1884. Foi presidente interino da província de Alagoas nos anos de 1867 e 1878.